

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Vanessa Martins de Jesus

Tia 1900307-2

**A importância da música na constituição do ser humano e sua contribuição no
processo de alfabetização**

SÃO PAULO

2023

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ¹

Vanessa Martins de Jesus

Resumo

O presente estudo aborda a importância da música na constituição do ser humano e sua contribuição no processo de alfabetização, tendo em vista o problema dos baixos índices de alfabetização alcançados no Brasil, que ocupa os últimos lugares em provas internacionais de alfabetização. A metodologia usada foi a de revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que a música contribui de forma significativa no processo de alfabetização, promove o desenvolvimento da consciência fonológica, despertando na criança a possibilidade de segmentação sonora ao se trabalhar com cantigas de roda, levando-a a identificar pedaços de palavras que correspondem a rima.

Palavras-chave: música, alfabetização, consciência fonológica, criança.

Abstract

The present study addresses the importance of music in the constitution of the human being and its contribution to the literacy process, in view of the problem of low literacy rates achieved in Brazil, which occupies the last places in international literacy tests. The methodology used was literature review and semi-structured interviews. The results indicate that music contributes significantly to the literacy process, promotes the development of phonological awareness, awakening in the child the possibility of sound segmentation, when working with nursery rhymes, leading him to identify pieces of words that correspond to rhyme.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Orientadora Doutora Milena Colazingari da Silva.

SUMÁRIO

0. Introdução: motivação da pesquisa, objetivo, metodologia.....	04
1. A importância da música na formação do ser humano.....	05
2. O papel da música na infância e na educação formal.....	06
3. A música e sua contribuição com o processo de alfabetização.....	08
4. Contribuições e limitações de Decretos e Leis.....	10
5. Entrevistas com especialistas: breve apresentação dos entrevistados.....	12
6. Análise do conteúdo das entrevistas.....	14
7. Considerações finais.....	17
8. Referências.....	20
9. Apêndices – Entrevistas com especialistas: transcrição/apresentação dos dados.....	23

0. Introdução: motivação da pesquisa, objetivo, metodologia

Este trabalho tem como finalidade investigar como a música pode contribuir com vários aspectos da formação humana, incluindo o processo de alfabetização. A pesquisa foi motivada pelos registros dos baixos índices alcançados de alfabetização no Brasil, que infelizmente, ocupa os últimos lugares em provas internacionais de alfabetização e também, pela minha própria trajetória. A metodologia utilizada para esta pesquisa para validação das hipóteses foram a de revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas foram realizadas com quatro professores e o critério utilizado para a seleção dos entrevistados foi o da vivência com estratégias pedagógicas utilizando a música como ferramenta. A primeira entrevista foi realizada com a professora Enny Parejo, doutora em educação, especialista em pedagogia musical e autora de obras e propostas para vivências musicais. As demais entrevistas foram realizadas com professores atuantes no ensino fundamental, dois deles com experiência em alfabetização e um deles especialista em arte.

Em função da grande escassez de vagas em creches, não cursei o pré-primário e fui alfabetizada em casa por minha irmã mais velha. Ao ingressar no primeiro ano escolar, me lembro que já lia com fluidez e escrevia várias palavras. Tive muito estímulo para leitura em minha casa. Lembro que meu pai sempre trazia revistas em quadrinhos e além das leituras escolares obrigatórias, toda sexta-feira retirava um livro na biblioteca para lermos no final de semana. Meu contato com a música aconteceu desde cedo, em minha memória inclusive ela sempre esteve presente pois cresci em um lar bastante musical. Meus pais participavam de grupos corais, cantavam em casa e ouvíamos bastante rádio. Comecei cantar ainda criança em apresentações na igreja e na adolescência comecei a ter aulas de violão em escolas do bairro, anos depois estudei em conservatório e participei por quase dois anos do Grupo CORALUSP XI de Agosto (1999 a 2000), onde pude ampliar meu repertório musical, participar de oficinas, apresentações, além de estudar teoria musical e preparação vocal. Infelizmente estes estímulos musicais não são comuns a todos, não foram produzidos na escola, no ensino fundamental da escola pública onde estudei e o contato com a arte ficou reduzido ao entretenimento, uma realidade que ainda persiste, onde a potencialidade da música como ferramenta pedagógica ainda é muito pouco explorada.

1. A importância da música na formação do ser humano

A música se faz presente em nossas vidas de forma intensa, constante, por vezes de uma forma quase que imperceptível e talvez seja a mais acessível e popular das manifestações artísticas.

Para Gil (2003), ela é musa única e lhe faz um navegador. O compositor destaca que esta sua composição, é um tributo ao papel e à presença da música e da mulher em sua vida e na vida em geral e usa da associação das palavras musa e música, no plano semântico que acha que existe de alguma forma e no plano da sonoridade, por causa das duas sílabas comuns a ambas.

Schafer (1991), a define como uma organização de sons (ritmos, melodia, etc.) com a intenção de ser ouvida. Segundo o autor, diferentes períodos ou diferentes culturas musicais escutam coisas diferentes quando ouvem música. Ele defende dirigir o ouvido dos ouvintes para uma nova paisagem sonora da vida contemporânea, familiarizá-los com um vocabulário de som que se pode esperar ouvir, tanto dentro como fora das salas de concerto pois o mundo está cheio de sons.

Segundo Med (1996), música é a arte de combinar sons simultâneos e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo. Segundo ele, a música vem sendo cultivada desde as mais remotas eras. Os chineses, três mil anos antes de Cristo, já desenvolviam teorias musicais complexas como por exemplo, o círculo das quintas. Para os gregos e romanos, a musa EUTERPE tinha a atribuição especial de proteger a música. Para os católicos, a padroeira dos músicos é SANTA CECÍLIA, uma musicista cristã sacrificada no ano 232 d.C.

Segundo Boal (2014), a música pode ser essencial para aumentar a capacidade de interação social e a capacidade cognitiva, desenvolvendo uma flexibilidade cognitiva que distingue os humanos das outras espécies. A música e a linguagem podem ter origens comuns e provavelmente, terão evoluído como aspectos complementares da comunicação humana.

Conforme Castro e Teixeira (2020), podemos considerar a música como composição parcial da formação humana. Sempre agindo mutuamente com seu meio, o homem projetou e manufaturou diversos tipos de instrumentos, compôs e também tratou de aperfeiçoar diversos cantos, produzindo com a linguagem musical um processo extremamente amplo e repleto de possibilidades dentro desta perspectiva. Ao percorrer o processo de musicalização, o indivíduo pode desenvolver a autonomia de expressar-se de modo ambientado, se articulando entre processos neurológicos e movimentos corporais ativos quando escuta ou canta uma música.

De acordo com Caetano e Gomes (2012), a música, que é uma forma de linguagem, é uma manifestação de arte que se faz presente em vários momentos da vida e exerce um papel importante na formação do ser humano desde a infância. Por meio da linguagem musical é possível desenvolver a linguagem oral, as artes corporais e a afetividade.

Para Eugênio, Escalda e Lemos (2012), indivíduos com prática musical apresentam melhor desempenho em tarefas de matemática, leitura, vocabulário, sintaxe e habilidades visuoespaciais e motoras. Destacam ainda que a consciência fonológica faz parte do desenvolvimento e da abrangência da linguagem oral e escrita, e que esta habilidade se desenvolve ao longo da vida e se relaciona diretamente com o nível escolar, profissão, hábitos de leitura, escrita. Tanto a música quanto a língua respeitam regras sonoras e gramaticais hierárquicas, assim a música pode facilitar a compreensão da língua e vice-versa.

2. O papel da música na infância e na educação formal

Segundo De Brito (2003), o envolvimento das crianças com o universo sonoro começa antes do nascimento, na fase intrauterina, com os bebês convivendo com o ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe. Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve. Podemos dizer que o processo de musicalização começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano e que os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música.

Ainda de acordo com a autora, a música deve promover o ser humano acima de tudo e devemos ter claro que o trabalho nesta área deve incluir todos os alunos. É preciso lembrar que a música é linguagem cujo conhecimento se constrói com base em vivências e reflexões orientadas. Desse modo, todos devem ter o direito de cantar ainda que desafinado, todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham naturalmente um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada.

De acordo com Oliveira, Lopes e Oliveira (2020), a música na educação infantil é indispensável para o desenvolvimento das crianças, pois trabalha vários aspectos: a audição, a coordenação motora, a atenção e o despertar para o novo. O papel da linguagem musical na educação infantil é o de proporcionar prazer, criação, cognição e interação. Nesse contexto, a criança deve compreender a linguagem musical a partir de suas experiências.

Para Silva (2017), ensinar música na escola é muito mais do que mostrar os diversos ritmos musicais existentes. É fazer com que as crianças apreciem e valorizem esses ritmos de maneira que possam respeitar o gosto e a cultura histórica e a diversidade humana. Dentro da escola, o papel da música é fundamental para o processo de aprendizagem das crianças, pois além do processo de compreensão da diversidade cultural e social, a música também desempenha, pela sua plasticidade, vários papéis pedagógicos: desde auxiliar na interação até ser ela mesmo o conteúdo para potencializar a criatividade e o desenvolvimento da criança.

Dentro desta perspectiva, a música é mais que uma ferramenta, ela consiste numa dimensão singular pedagógica de funções diversas pela sua plasticidade e alcance no processo de ensino e aprendizagem.

3. A música e sua contribuição com o processo de alfabetização

Segundo Soares (2020), a escrita foi inventada como consequência direta de exigentes demandas de uma economia em expansão. Em outras palavras, em algum momento do final do 4º milênio a.C., a complexidade do comércio e da administração nas primeiras cidades da Mesopotâmia atingiram um ponto que ultrapassou o poder de memória da elite governante. Registrar transações de forma confiável e permanente tornou-se essencial. Administradores e comerciantes precisavam poder dizer, em sumeriano, frases equivalentes a “vou colocar isto por escrito” e “posso ter isso por escrito”? Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Segundo Freire (1997), ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão e da comunicação. A compreensão do que se está lendo, estudando, não estala assim, de repente, como se fosse um milagre. A compreensão é trabalhada, é forjada, por quem lê, por quem estuda que, sendo sujeito dela, se deve instrumentar para melhor fazê-la. Por isso mesmo, ler, estudar, é um trabalho paciente, desafiador, persistente.

Segundo Ferreira (2017), o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria.

Conforme conceitua Soares (2016, p. 184):

...se se pensa em termos de orientação da criança para a progressiva compreensão do princípio alfabético, atividades com rimas e aliterações frequentes na educação infantil, e fundamentalmente de natureza lúdica, além de desenvolverem a consciência fonológica, podem também despertar a criança para a possibilidade de segmentação da cadeia sonora, levando-a a identificar o “pedaço” da palavra que corresponde à rima, ou a sílaba que se repete no início de palavras, em aliterações. Se acompanhadas de registro escrito de palavras que terminam ou começam com o mesmo som, destacando-se a correspondência de segmentos orais com uma mesma sequência de letras, essas atividades ainda podem já introduzir a criança na compreensão do princípio alfabético: mesmos sons correspondem às mesmas letras.

Abordagens que despertam e estimulem a consciência fonológica na criança são grandes aliadas do processo de letramento e alfabetização. Este tipo de texto possibilita trabalhar com diversas habilidades presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a língua portuguesa, como por exemplo:

(EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade;

(EF02LP15) Cantar cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia.

Segundo Freire (1997), se estudar para nós não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação. Este é um esforço que deve começar na pré-escola, intensificar-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar.

Segundo Soares (2016), a sensibilidade de crianças a rimas e aliterações tem sido considerada uma das dimensões da consciência fonológica que pode ter relações com a aprendizagem da leitura e da escrita. No campo da Linguística e da Fonologia, particularmente quando relacionado com o desenvolvimento da consciência fonológica, o termo aliteração é usado para designar a semelhança entre sons iniciais de palavras: em

sílabas, particularmente sílabas Consoante-Vogal (CV), como em **bal**aio – **ba**cia, **gi**rafa – **gi**gante, e também em fonemas, como em **faca** – **fo**ca, **rato** – **ro**da.

Como conceitua De Brito (2003, p.35):

...as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons.

4. Contribuições e limitações de Decretos e Leis

A música faz parte das orientações para a educação brasileira desde o século 19. De acordo com Queiroz (2012), o ensino da música tem como um de seus marcos o Decreto nº 1331 de 17 de fevereiro de 1854. O texto deste documento faz referência específica a conteúdos de música no artigo 47 ao enfatizar que o ensino primário nas escolas públicas pode compreender também noções de música e exercícios de canto.

Segundo Monti (2011), o Projeto Orfeônico desenvolvido por Heitor Villa-Lobos foi adotado oficialmente no ensino público brasileiro inicialmente no Distrito Federal em 1930 e tornou-se obrigatório por meio do Decreto nº 19.890 em 18 de abril de 1931. A Constituição de 1934 tornou o Canto Orfeônico uma disciplina obrigatória nos currículos escolares nacionais por um período de mais três décadas. Criou-se em 1932 o SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística) e em 1942 o CNCO (Conservatório Brasileiro de Canto Orfeônico), com a finalidade de formar professores capacitados.

De acordo com Villa-Lobos, as finalidades do Canto Orfeônico fundamentavam-se em três aspectos: disciplina, educação cívica e educação artística. Muitos recursos foram direcionados usando a elevação e o cultivo do gosto pela arte da música coral que se desdobrou também na prática instrumental. Foram selecionados competentes professores de instrumentos de madeira, metal, palheta e percussão para a formação de bandas escolares. As rádios passaram a transmitir programa de Canto Orfeônico e vários discos foram adquiridos para serem utilizados como ferramenta didática e com o objetivo de apoiar a construção da concepção estética musical.

Em 1946 as finalidades do Canto Orfeônico aparecem bem mais elaboradas. Segundo a Portaria Ministerial 300 de 07 de maio de 1946, lê-se o seguinte:

- I. O ensino de Canto Orfeônico tinha as seguintes finalidades:
 - a) Estimular o hábito de perfeito convívio coletivo, aperfeiçoando o senso de apuração do bom gosto;
 - b) Desenvolver os fatores essenciais da sensibilidade musical, baseados no ritmo, no som e na palavra;
 - c) Proporcionar a educação de caráter em relação à vida social por intermédio da música viva;
 - d) Inculcar o sentimento cívico, de disciplina, o senso de solidariedade e de responsabilidade no ambiente escolar;
 - e) Despertar o amor pela música e o interesse pelas realizações artísticas;
 - f) Promover a confraternização entre os escolares.

De acordo com Amato (2006), a educação musical transformou-se em disciplina curricular até o início da década de 1970, quando com a LDB 5692/71, o Conselho Federal de Educação instituiu o curso de licenciatura em educação artística (Parecer nº 1284/73), alterando o currículo do curso de educação musical.

Conforme Figueiredo (2010), a LDB nº 9394 de 1996, incluiu em seu artigo 26, a obrigatoriedade do ensino de arte na educação brasileira, no entanto, a lei e documentos orientadores com os PCNs de 1997 e 1998 ainda se apresentam de forma ambígua permitindo diversas interpretações. A legislação não esclarece efetivamente que Artes devem ser ensinadas e quem deve ensinar Artes nas escolas.

Em 2008 é aprovada a Lei 11.769. Ela altera a Lei nº 9394 de 1996 para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica porém estabelece que a música deverá ser conteúdo obrigatório mas não exclusivo do componente curricular. Na aprovação da Lei houve veto do 2º artigo que originalmente dispunha que o ensino da música seria ministrado por professores com formação específica na área.

Conforme a BNCC de Arte (Brasil, 2018), cada uma das quatro linguagens do componente curricular – Artes visuais, Dança, Música e Teatro – constitui uma unidade temática que reúne objetos de conhecimento e habilidades articulados às seis dimensões do conhecimento propostas pelas base, tais como: criação, crítica, fruição, estesia, expressão e reflexão. Além dessas, uma última unidade temática, Artes integradas, explora as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Nessas unidades, as habilidades são organizadas em dois blocos (1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano), com o intuito de permitir que os sistemas e as redes de ensino, as escolas e os professores organizem seus currículos e suas propostas pedagógicas com a devida adequação aos seus contextos. A progressão das aprendizagens não está proposta de forma linear, rígida ou cumulativa com relação a cada linguagem ou objeto de conhecimento, mas propõe um movimento no qual cada nova experiência se relaciona com as anteriores e as posteriores na aprendizagem de Arte.

De acordo com a BNCC, a música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Segundo o documento, esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade.

5. Entrevistas com especialistas: breve apresentação dos entrevistados

A escolha pelo uso de entrevistas neste trabalho foi motivada pela intenção de trazer uma perspectiva, um recorte das realidades vividas pelos professores em sala. Eu buscava compreender como utilizavam a música em sala, se o uso da música os auxiliava no processo de alfabetização e suas percepções sobre os resultados obtidos. Participaram do trabalho, quatro entrevistados, as entrevistas foram realizadas de forma on line, através de aplicativos Microsoft Teams e Zoom Vídeo, gravadas e transcritas posteriormente.

Nas conversas com minha orientadora sobre o tema e a estrutura deste trabalho, alguns nomes surgiram para realização das entrevistas. Revisitando minha trajetória, me lembrei da professora Enny Parejo, uma grande influência para minha escolha pelo curso de pedagogia e por que não dizer, pela escolha do tema deste trabalho. Consegui localizá-la e mesmo depois de passado tanto tempo, prontamente me atendeu e contribuiu com sua enriquecedora entrevista que foi realizada na primeira etapa desta pesquisa. Tive o privilégio de conhecer a professora Enny Parejo no início do ano de 2014, quando cursei o primeiro semestre de licenciatura em música na Faculdade Integral Cantareira. Suas aulas de pedagogia me abriram janelas de possibilidades transformadoras ao me apresentar Edgar Morin, Paulo Freire, o Grupo Mawaca utilizado nas audições e aquecimento no início de suas aulas. No semestre seguinte, alguns obstáculos externos surgiram, tranquei a matrícula no curso porém permaneceu em mim, através das vivências em suas aulas, um vislumbre da potência pedagógica do uso da música.

Foram formuladas 06 perguntas, sendo as perguntas 1,2 e 3 comuns a todos os entrevistados. Para as perguntas 4,5, foram formuladas duas alternativas, de acordo com o perfil e respostas dos entrevistados:

Alternativa A, utilizada na entrevista com a professora Enny Parejo:

- 1) Na sua opinião qual a importância da música na constituição do ser humano?
- 2) Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?
- 3) Qual a importância da música no ambiente escolar?
- 4) Qual a abordagem curricular a formação musical deveria ocupar nos cursos de pedagogia?
- 5) Quais seriam as dificuldades de adotar essas abordagens para os cursos de pedagogia na modalidade EAD?
- 6) Quais dificuldades você observa na aplicação da Lei 11.769 que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas?

Alternativa B, utilizada nas entrevistas com os professores Mônica Cardella, Patricia Santi Alves Lopes e Felipe Rodrigues dos Santos:

- 1) Na sua opinião qual a importância da música na constituição do ser humano?
- 2) Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?
- 3) Qual a importância da música no ambiente escolar?

- 4) De quais formas você utiliza a música na sala de aula?
- 5) Como você faz o acompanhamento dos resultados alcançados?

Conheci a Professora Mônica Cardella em 1998. Na época, ela integrava a equipe de coordenação cultural do Colégio Singular e cursava Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina. Foi através dela que pude ter o primeiro contato com a docência ao realizar um trabalho de preparação vocal com o grupo de teatro do Colégio Singular. Quando iniciei a segunda parte do meu TCC, eu a procurei para pedir ajuda, indicação sobre professores que conhecia e que utilizavam a música como ferramenta pedagógica para alfabetização. Ela, além de me indicar os professores Felipe e Patrícia, também me atualizou sobre suas experiências com o uso da música nas atividades que desenvolvia em suas práticas, utilizando o conceito da interdisciplinaridade e prontamente atendeu meu pedido para conceder uma entrevista falando sobre estas práticas.

6. Análise do conteúdo das entrevistas

Retomando os conteúdos das entrevistas, ao discutirem a importância da música na constituição do ser humano, os quatro professores entrevistados pontuaram que a música é fundamental, afirmando que “a relação do ser humano com a música começa antes do nascimento, começa lá no quinto mês de gestação quando o ouvido já está plenamente ativo e já naquele momento, o feto vai se relacionando com o ambiente cultural e musical que o cerca”; “a música é socializante por natureza e ela nos afeta, a escuta musical é poderosa, ela tem capacidade de bloquear hormônios do cortisol, de estresse, de afetar nossa pressão sanguínea, de relaxar”; “a formação do ser humano não seria completa sem a música porque é a música que vai aguçar os outros sentidos”.

Essas falas nos remetem ao que conceitua De Brito (2003, p.35):

...o envolvimento das crianças com o universo sonoro começa antes do nascimento, na fase intrauterina, com os bebês convivendo com o ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe. Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve.

Destaco a abordagem da professora Enny sobre as possibilidades de constituir ligações afetivas nas relações com o ambiente social que a música proporciona, fala que também

relaciono com conceito do processo de musicalização que favorece o desenvolvimento afetivo e cognitivo.

A professora Enny também destaca que a cultura é importantíssima, o que remete a Silva (2017):

...ensinar música na escola é muito mais do que mostrar os diversos ritmos musicais existentes. É fazer com que as crianças apreciem e valorizem esses ritmos de maneira que possam respeitar o gosto e a cultura histórica e a diversidade humana.

Em relação a pergunta **Como que você acha que a música pode contribuir no processo de alfabetização**, os quatro professores entrevistados percebem que a música pode contribuir no processo. A professora Enny destaca que a música promove o desenvolvimento da acuidade auditiva, na diferenciação de fonemas. Também descreve sobre a utilização de parlendas, que são um importante recorte da nossa cultura tradicional e que além de auxiliar no processo de alfabetização, também fortalecem a identidade cultural.

A professora Patricia também menciona os trabalhos com parlendas e destaca que são textos que a maioria dos alunos trazem de memória. Neste contexto, conforme Soares (2016):

...a sensibilidade de crianças a rimas e aliterações tem sido considerada uma das dimensões da consciências fonológica que pode ter relações com a aprendizagem da leitura e da escrita. Se se pensa em termos de orientação das crianças para a progressiva compreensão do princípio alfabético, atividades com rimas e aliterações, além de desenvolverem a consciência fonológica, podem também despertar a criança para a possibilidade de segmentação da cadeia sonora, levando-a a identificar o “pedaço” da palavra que corresponde à rima, ou a sílaba que se repete no início de palavras, em aliterações.

Com relação a pergunta **Qual a importância da música no ambiente escolar**, a professora Enny retoma sobre a importância da preservação da própria memória cultural do aluno, do papel da escola de promover experiências transformadoras na vida dos alunos através de atividades artísticas que deveriam fazer parte do currículo de forma constitutiva, resgatar e dar manutenção para o patrimônio cultural, seja local ou regional, cita ainda que a música teria função importantíssima com questões de relaxamento, de interiorização, de favorecer concentração, desenvolver atitudes propícias para estudantes que passarão várias horas estudando.

Neste sentido, segundo Morin (2011), para a educação do futuro, é necessário promover grande rememoração dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos derivados das ciências humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana, bem como para integrar a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...

Sobre a pergunta **De quais formas você utiliza a música na sala de aula**, é possível concluir pelas respostas dos três professores que todos a utilizam de forma aleatória, de acordo com a receptividade dos alunos, as necessidades e benefícios alcançados. Um consenso na resposta de todos é o uso de musiquinhas para exercitar a memória e uso de parlendas. A professora Mônica mencionou o trabalho de estímulo de desenvolvimento rítmico, percussão corporal, movimento do corpo e apresentação de obras e artistas que não estão costumeiramente na mídia e que a maioria das crianças podem não conhecer, no intuito de também contribuir para ampliar seus repertórios.

A professora Patrícia destacou trabalhos com parlendas, contação de histórias cantadas e um projeto de leitura dramática com os Saltimbancos. Também mencionou um trabalho que fez utilizando a música Era Uma Vez, interpretada por Sandy e Júnior para trabalhar a memória afetiva com os alunos.

Sobre a pergunta **Como você faz o acompanhamento dos resultados alcançados**, de forma geral todos trabalham com sondagem. A professora Mônica realiza roda de conversas e sondagens porém com uma conotação de entender quais foram as atividades com música que agradaram mais as crianças. A professora Patrícia também realiza porém com um enfoque no avanço dos alunos em relação aos níveis de alfabetização, se por exemplo avançaram do pré-silábico para silábico e assim por diante.

Já o professor Felipe mensura os avanços dos alunos com muita dificuldade. Como trabalha em duas escolas, valida se na escola que consegue trabalhar com música há diferenças nestes resultados, confirmando que sim, há diferença.

7. Considerações finais

Este trabalho buscou compreender a importância e contribuição da música na constituição do ser humano e no processo de alfabetização através de pesquisas de referenciais teóricos e também de depoimentos de 04 professores, sendo 03 deles atuantes do ensino fundamental na rede pública e uma autora, formadora e pesquisadora em pedagogia musical.

Através da análise dos conceitos lidos e depoimentos dos professores entrevistados, posso afirmar que a música contribui no processo de alfabetização. É possível validar a hipótese através da afirmação de Soares (2016) quanto à sensibilidade das crianças a rimas e aliterações ter sido considerada uma das dimensões da consciência fonológica, que além de desenvolver, também despertam na criança a possibilidade de segmentação da cadeia sonora, levando-a a identificar o pedaço da palavra que corresponde à rima ou a sílaba que se repete no início de palavras, em aliterações. Essa afirmação é percebida na entrevista da professora Patricia, quando discorre sobre as formas que utiliza a música na sala de aula: “quando percebo que a criança não consegue compreender o som do S, faço música com aquela frase, onde o início de todas as palavras tem o som do S”, e também quando fala sobre os resultados alcançados em uma atividade realizada com a música Era uma vez, em que 90% da sala conseguiu realizar a reescrita da primeira estrofe.

Também pude validar na entrevista do professor Felipe em seu depoimento sobre o uso de parlendas: “mas pra alfabetização, as musiquinhas, elas vêm todas fechadinhas pra criança fazer essa memorização, de associar a música com aquele sinal gráfico que a gente tá apresentando e ela pode lembrar. A gente traz a parlenda, cantiga, passa por musiquinhas que elas escutam no dia a dia. É algo que ajuda muito”. Sobre os resultados alcançados, o professor Felipe pontua que: “a música é aquela pecinha que faz com que eu possa trabalhar as duas vertentes”.

Na entrevista concedida pela professora Enny, também validei a hipótese da contribuição da música no processo de alfabetização. Destaco em seu depoimento o seguinte trecho: “a música promove um desenvolvimento da acuidade auditiva, isso vai ajudar a formação auditiva também com vistas à alfabetização, diferenciação de fonemas sutis um do outro...as parlendas, muitas vezes, trazem desafios travas-línguas, jogos de memória”.

Como conceitua Soares (2016, p. 184):

Rimas e aliterações representam, pois, um nível de sensibilidade fonológica que, se desenvolvido, pode trazer efeitos significativos para o processo de alfabetização: levam a criança a dirigir a atenção para a cadeia sonora das palavras, dissociando-a do significado, colaborando assim para a superação do realismo nominal; atividades podem levar a criança a perceber a possibilidade de segmentação das palavras; finalmente, atividades que levem a criança a confrontar rimas e aliterações com sua representação escrita podem introduzir a compreensão da relação entre os sons e os grafemas que os representam, ou seja, a compreensão do princípio alfabético.

Pude constatar a importância da música na constituição do ser humano e que ela se estabelece antes mesmo de seu nascimento, um ponto observado pela professora Enny em sua entrevista, da qual destaco o seguinte trecho: “ a relação do ser humano com a música começa antes do nascimento, começa lá no quinto mês de gestação, quando o ouvido já está plenamente ativo e naquele momento, o feto vai se relacionando com o ambiente cultural e musical que o cerca...”

Como afirma De Brito (2003, p.35):

O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa antes do nascimento, na fase intrauterina, com os bebês convivendo com o ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe...

Pude aferir que apesar da grande potencialidade pedagógica da música, ela é ainda explorada com limitações nas abordagens dos professores. Pude perceber na análise das entrevistas que os professores a utilizam de maneira improvisada, não há um plano definido, um acompanhamento ordenado dos resultados obtidos com seu uso e até mesmo em alguns casos, há falta de estímulos da gestão escolar para utilização da música como ferramenta pedagógica.

É possível concluir que um dos fatores que impactam nas limitações destas abordagens é a falta de uma formação musical para os professores, o que inclusive é abordado pela professora Enny Parejo em sua entrevista. Este ponto também fica evidente na distorcida polivalência do professor de arte, que fica incumbido de ter que dar aulas de várias modalidades artísticas (artes plásticas, música, dança, teatro), tendo se especializado somente em uma delas, ponto que é perceptível no relato da professora Mônica ao dizer que não é professora de arte com especialização em música, porém realiza diversos

trabalhos utilizando a música e também busca trabalhar o aspecto da interdisciplinaridade, auxiliando o professor da sala no processo de alfabetização.

Outro aspecto limitante diz respeito a própria formação cultural dos professores. Em seu depoimento, a professora Enny comenta sobre sua formação, sobre o Projeto Canto Orfeônico, desenvolvido por Heitor Villa Lobos e como a qualidade do ensino musical se perdeu a partir da década de 80. Podemos perceber esse aspecto no depoimento do professor Felipe, quando fala sobre o uso de músicas das Chiquititas e Carrossel em suas aulas.

Conforme Nóvoa (2022, p. 80):

Repensar a formação dos professores passa pela criação de um novo ambiente institucional e pedagógico. Trata-se de criar um novo lugar institucional, interno e externo, que promova uma política integrada de formação de professores, por um lado, dentro da universidade, por outro lado, ligando a universidade às escolas públicas da “cidade”. A intenção é instituir, não apenas um espaço de diálogo, mas principalmente um espaço de decisão institucional, o que implica mudanças profundas na organização dos cursos e dos programas.

Estas limitações persistem mesmo após a promulgação da Lei 11.769 de 2008, que apesar de dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, excluiu de seu texto que a música seria ministrada por professores com formação específica na área.

Diante deste cenário, é necessário o resgate da seriedade dada ao Projeto Orfeônico na década de 30 e compreender a importância da plena utilização para todos os alunos desta grande ferramenta pedagógica que comprovadamente é a música, facilitadora de processos tão essenciais como o da flexibilidade cognitiva, de alfabetização, interação social, ludicidade, ligações afetivas e relaxamento.

8. Referências

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira. *Revista Opus*, n. 12, pg. 144-163, 2016. Disponível em: <https://xjournals.com/collections/articles/Article?qt=dVrH1XFTvHaZaPD/NA7LUk+R+3kv1ytqg8XBJCwn4mw=>

BOAL, Palheiros, G. (2014). A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças. In J.D.L. Pereira, M.F. Vieites & M.S. Lopes (Coord.), *As Artes na Educação* (pp. 207-221).

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAETANO, M. C., & GOMES, R. K. (2012). A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO EM PERÍODO ESCOLAR. *Educação Em Revista*, 13(2), 71–80. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2012.v13n2.3288>

CASTRO, Ronaldo, TEIXEIRA, Maria. (2020). Música na educação: uma possibilidade a ser ampliada no cenário nacional. *Research, Society and Development*. 9. 604974082. 10.33448/rsd-v9i7.4082.

DA SILVA, Luciene Rosa (2017). A música na educação infantil e suas relações com o processo de ensino. *Revista Even. Pedagog.*, ISSN 2236 3165, jan-jul,2017.

DE BRITO, Teca Alencar. *Música na educação infantil*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2003.

DE OLIVEIRA, Ana Paula Gomes, LOPES, Yan Karen Silva, DE OLIVEIRA, Bárbara Pimenta (2020). A importância da música na educação infantil. *Revista Educação & Ensino*, ISSN 2594 4444, jan-jun 2020.

EUGÊNIO, Mayra Lopes, ESCALDA Júlia, LEMOS Stela Maris Aguiar (2012). Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional. **Rev. CEFAC**; 14(5): 992-1003, set.-out. 2012.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2017. 9788524925849.

Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524925849/>.

FIGUEIREDO, Sergio. O processo de aprovação da Lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na educação básica. Anais do XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.musicaeducacao.ufc.br/Para%20o%20site/Revistas%20e%20peri%C3%B3dicos/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Musical/FIGUEIREDO%20-%20Leis%20musica%20na%20escola.pdf>

FREIRE, Paulo – Professora sim, tia não: carta a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GIL, Gilberto, RENNÓ, Carlos. Todas as Letras. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, P.194.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. (2012). Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008. Revista da ABEM, v.20, p. 23-38, 2012. Disponível em : https://drive.google.com/file/d/1f5kIMyaAyl7iIS_RVuonrVkfW10X7D5O/view?pli=1

MED, Bohumil. Teoria da música. Brasília, DF: Musimed, 1996.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. CANTO ORFEÔNICO: A LINGUAGEM MUSICAL EM VOZES POLÍTICAS E EDUCATIVAS. **Revista Teias**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 17 pgs., 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24203>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MORIN, Edgar . Os sete saberes necessário para a educação do futuro. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, António – Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SCHAFER, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SOARES, Magda – Alfabetização: a questão dos métodos/Magda Soares. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda – Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

9. Apêndices – Entrevistas com especialistas: transcrição/apresentação dos dados

Entrevista realizada com a professora Enny Parejo, Doutora em educação-currículo pela PUC de São Paulo, Bacharel em piano pela Faculdade Paulista de Arte (1984), especialista em Pedagogia Musical pela pesquisa autodidata e pela participação em diversos cursos (Brasil, França, Espanha e Áustria). Autora da obra “Musicalizar – uma proposta para vivência dos elementos musicais” (São Paulo, 1987), de “Estorinhas para Ouvir – aprendendo a escutar música” (São Paulo, 2007), de Iniciação e Sensibilização Musical – uma proposta de educação musical para o novo paradigma (ebook) e de diversos artigos sobre educação musical em obras coletivas. É professora da Graduação e Pós-Graduação em Educação Musical da FIC – Faculdade Integral Cantareira, dirige o Atelier Musical Enny Parejo, que oferece cursos de música para crianças e cursos para a formação e atualização de educadores.

1- Na sua opinião, qual a importância da música na constituição do ser humano?

Bem, a gente está vivendo em função da música 24 horas do dia que até numa perspectiva de senso comum não dá mais pra imaginar o ser humano sem música, mas a relação do ser humano com a música começa antes do nascimento, começa lá no quinto mês de gestação quando o ouvido já está plenamente ativo e já naquele momento o feto vai se relacionando com o ambiente cultural e musical que o cerca. As memórias intrauterinas comprovadamente existem. No começo, ele é muito terninho, ele é muito iniciante pra pessoa e às vezes as mães não estão tão conscientes disso, o quanto isso pode ser formador. Já até mesmo a escuta da própria voz dela quando ela conversa com esse feto, então ele já nasce inserido numa cultura e a música, claro, é uma forma privilegiada de inserção na cultura.

Por isso eu sempre insisto pra mexer com o ambiente familiar onde a criança vive, porque você pode trazer as coisas mais importantes, mais elevadas mais resultados de pesquisas, repertório variado mas a família não sai do seu mesmo ambiente, então a cultura é importantíssima.

Agora a ligação da música com o ser humano ela é revolucionária, desde as primeiras fogueiras o ser humano canta e se congrega em volta de uma fogueira. E já naqueles primórdios estava envolto num ambiente sonoro extremamente rico, os sons da natureza, todos eles, e a música foi fazendo parte, ou pelo menos a musicalidade foi fazendo parte dessa formação da relação humana.

Começa na relação da mãe com o seu filhote, com o seu bebê e ela musicalmente transforma o parâmetro da voz dela ao conversar com essa criança pequena, a voz se torna mais o quê?, Mais musical. Não só a voz da mãe mas a voz de qualquer pessoa que fala com o bebê se torna musical. Isso é tão importante que tem agora estudos sobre a relação entre autismo e uma estimulação insuficiente por parte da mãe no nascimento e antes de nascer.

Então a música ajuda a constituir essas ligações afetivas tanto na relação humana primeiramente da criança com seu entorno primeiro a mãe, os familiares depois com o ambiente social. A música é socializante por natureza e ela nos afeta, a escuta musical é poderosa, ela tem capacidade de bloquear hormônios do cortisol, de estresse, de afetar nossa pressão sanguínea, de relaxar, diversos parâmetros homeostáticos do nosso corpo são afetados pela música.

2- Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?

Primeiramente o processo de alfabetização é um dos processos de formação do aluno que faz parte da formação integral então, naturalmente o que é formação importantes para a formação dele, educacional, social cultural, ainda que ele não vá se especializar nessa área, então aí já tem uma importância porque esse processo faz parte da formação integral do aluno e vai dar acesso ao quê? a linguagem, a escrita e a leitura que são pontos importantíssimos na constituição da identidade e até mesmo da autoestima do aluno.

Observe pessoas que não sabem ler, pessoas que escrevem mal, existe um problema de autoestima e materialmente falando, a música promove um desenvolvimento da acuidade auditiva, isso vai ajudar a formação auditiva também com vistas a alfabetização, diferenciação de fonemas sutis um do outro, música é ritmo e a leitura e a escrita também tem ritmo, também exige uma

fluência, também exige uma atenção que é prospectiva quando você está lendo uma palavra, o seu olhar está indo adiante, você está vendo a próxima, isso vai dar fluxo na sua leitura.

A música treina isso, é como ler uma partitura, é como se lembrar da próxima nota e muito se tem falado dos efeitos de transferência, principalmente do efeito Mozart que agora, de certa forma não se sobressai porque se descobriu que outras músicas com o mesmo grau de dificuldade de Mozart, também produziam um incremento de habilidades neurais compatíveis com o que o efeito Mozart descobriu e isso está em estudos.

Evidentemente a música tem um papel importante nessa configuração neural que vai ajudar a pessoa a processar não só música, mas matemática, linguagem outras áreas, então é um campo que está em franca evolução, por sorte ele agora está mais vivo no Brasil, a gente tem eventos de cognição musical, tem especialistas que vão se dedicando cada vez mais a isso então o ideal é que todas essas disciplinas façam parte da formação integral. Se eu tivesse que estruturar o currículo da escola, ele seria muito mais integrado.

As parlendas são um recorte importante da nossa cultura tradicional, você não aprende só a parlenda você aprende de onde ela vem, que função ela tinha. As parlendas muitas vezes trazem desafios trava-línguas, jogos de memória, elas podem ser musicalizadas e fortalecem a identidade cultural, é muito mais precioso você estudar português com poesia dos poetas da terra, com as parlendas da nossa terra do que ficar lendo qualquer coisa, pode até ser interessante mas você perde o bom de ancorar essa aprendizagem numa cultura nossa, então eu acho que tudo o que pudesse ser aproveitado, em especial na infância, na terra infância, de cultura tradicional pra ensinar, seria fabuloso, sem contar que as nossas parlendas tem uma rítmica variadíssima, tem aquelas bem regulares, como a galinha do vizinho, você tem casinha de bambu é cercada de bambu, uma riqueza isso, você ataca o ritmo, você ataca a prosódia, você ataca a cultura, a memória, a cognição toda, tem que se envolver nisso.

3- Qual a importância da música no ambiente escolar?

A escola tem várias funções, uma primeira função é o resgate, a preservação da própria memória cultural do aluno e da sociedade onde ele vive, mas a escola também deve buscar transformar, deve tentar pelo menos promover experiências transformadoras na vida de uma pessoa e isso se dá de várias formas, por meio do impacto emocional das atividades artísticas que deveriam fazer parte do currículo escolar, não como um penduricalho como acontece muitas vezes, mas de uma forma constitutiva a escola. A meu ver, também deveria resgatar e dar manutenção para o patrimônio cultural acumulado na nossa cultura, falando em cultura local, cultura regional, na tradição da infância nas tradições do país.

É comum hoje em dia você encontrar pessoas jovens, entre 30 e 40 anos que não sabem cantar um repertório básico e elementar que qualquer criança e qualquer mãe cantavam há décadas atrás, então a escola muitas vezes se afasta dessa missão, vamos dizer assim de cultivar a identidade cultural do aluno e ao mesmo tempo de ser um lugar de inovação.

Tem muita coisa acontecendo nesse momento que a gente vive, acho que as duas coisas, ou três talvez mais revolucionárias seriam a descoberta da paisagem sonora na ótica do Schaefer, a inserção cada vez maior de tecnologias na escola, porque só quem não for bom da cabeça poderá negar a tecnologia: celulares, tablets, computadores, aplicativos, não tem jeito, e outra questão muito fundamental na escola tanto quanto negligenciada seria o bem estar do aluno, então a música teria uma função importantíssima com as questões de relaxamento, de interiorização, de favorecer a concentração, de autoconhecimento, de desenvolver atitudes propícias para um ser humano que vai passar várias horas estudando, então essa função de autoconhecimento que a música é muito privilegiada para fazer alcançar, essa função da música como mediadora de novos ambientes tecnológicos e de novas propostas para a própria música.

O conceito de música mudou nas últimas décadas e conseqüentemente o conceito de educação musical tem que mudar junto, ele vai agregando coisas, ele vai se

transformando, tem que ter a base, mas ele vai se transformando de acordo com a história da sociedade. Eu ainda vejo a escola engatinhando muito nesses três aspectos, eu diria que a questão da paisagem sonora, da ampliação do conceito de música e de som até que acontece, a questão tecnológica ainda vejo precária por parte dos professores, às vezes as escolas até tem recursos disponíveis para uso sim mas tem uma resistência, não é todo professor que inclui no seu currículo um projeto ou uma temática envolvendo diretamente uso das tecnologias e o uso da música.

4- Qual abordagem curricular a formação musical deveria ocupar nos cursos de pedagogia?

Acho que o pedagogo, eu vi um exemplo de estruturação curricular do Japão e é uma coisa absolutamente encantadora como as pedagogas, as professoras generalistas resgatam com a criança toda a tradição infantil na escola. Elas têm que estudar isso e elas têm isso como uma meta curricular. Nós não temos isso, fica solto e acho que essa função que eu vinha falando da música como mediadora da interiorização do conhecimento de si, da modulação das atitudes é a mais desprezada de todas e não compreendida, por quê? Começa que música já é uma construção mental, é uma arte temporal. Para você apreciar a música você tem que parar, tem que transcorrer o lapso de tempo. É diferente de olhar pra uma obra plástica porquê de imediato você bate o olho num quadro e você vê, pode não ver de forma crítica mas você vê de alguma forma, música não.

Mesmo que a música for aforística e durar um minuto, é um minuto que você tem que parar pra ouvir atentamente e isso é difícil, então não é estranho que as artes plásticas tenham dominado a escola nas últimas décadas e a música, essa grande abstração ficou aí à espera de dias melhores e quanto mais, e essa é uma opinião minha, quanto mais a sociedade se torna medíocre e esse processo me parece bem acelerado, aqui onde eu moro é espantoso o que se ouve como música correntemente, a falta de qualidade do que se ouve e a não demanda por ouvir coisas melhores, isso não existe mais na experiência de boa parte da população, então não existe muitas vezes na cultura dos professores e aí você não divulga o que você não conhece, o que você não vivencia então eu vejo tremendamente

falha a formação musical dos professores, é muito falho, é uma arte que exige um suporte importante de materiais, de gravações pra que a música se concretize.

As artes plásticas acabam se concretizando com mais facilidade porque tem tinta pra pegar, tem material pra manipular, a música não, faz barulho. Ouviu -se muito essa conversa na lei 11.769, que a música voltando pra escola estava atrapalhando as outras disciplinas, que é um desconhecimento do que é a música e que a música é arte dos sons.

5- Quais seriam as dificuldades de adotar essas abordagens para os cursos de pedagogia na modalidade EAD?

Eu percebi que para tudo quanto é assunto de natureza teórica, reflexiva, debate, discussão de texto, etc., o online foi maravilhoso, em especial para crianças a partir de oito anos, jovens e adultos. Para os meus cursos de formação de professores, foi um grande avanço, porque quando você está no presencial e você rouba tempo de atividades para fazer uma discussão de natureza teórica, gera uma certa ansiedade no grupo, como por exemplo, será que agora a gente vai ficar aqui falando? nós não vamos fazer as vivências? então, foi muito bom esse aspecto.

Para o estudo de música, você não substitui a vivência, o contato com o tete -a - tete, dar as mãos, por uma vivência online. É impossível. Na música, como você realmente não consegue tocar junto, nem cantar junto ainda, imagino que até seja factível, mas tudo que todos deveriam ter em casa para alcançar esse nível técnico, atualmente deve custar uma fortuna impagável, então, é inviável. Sem contar o aprimoramento total da internet, das velocidades de transmissão de informação, inviável, para a música fundamentalmente é necessário o presencial.

6- Quais dificuldades você observa na aplicação da Lei 11.769, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas?

Eu acho que no pé em que estamos, o que resta dessa lei é uma pálida sombra. Nos ambientes onde a música sempre existiu porque haviam condições pra que ela existisse ou seja, grandes escolas, escolas de classe média que já investiam nisso como um diferencial, reforçou a existência da música nesses ambientes. Agora considerando que 80 % das crianças brasileiras estão na escola pública e

que não se fez tanto pra valorizar a música nas últimas décadas, a gente voltou ao que era antes, inclusive tem aí uma BNCC voltando de novo a esse professor de artes, de novo esse cara que tem que dar aula de teatro, de artes plásticas, de música, de dança.

É um retrocesso, isso já tinha sido compreendido que uma pessoa se especializa em uma determinada arte e que não vai ser assistindo meia dúzia de peças e lendo três livros de artes plásticas que ela vai se tornar um bom professor dessas outras áreas então a gente tem retrocessos em cima de retrocessos, agora a pior falácia da lei 11.769 é que ela nunca foi regulamentada. Uma lei tem que ser regulamentada pelo conselho nacional de educação, pelos conselhos estaduais de educação pra dizer como em que termos a música vai existir na escola e o que é que vai ser disponibilizado de condições concretas pra que ela exista. Algumas prefeituras pensavam, isso é muito difícil, vamos dizer que não tem professor e as vezes não tinha mesmo, essa coisa faz muito barulho a escola não está preparada, vamos dizer que é difícil preparar a escola pra receber essa disciplina. É sempre a questão pedagógica que fica totalmente comprometida, além do mais você tem gestores, pessoas entre 45 e 50 anos que tiveram pouquíssimo contato com a música na própria formação escolar, se estudaram na escola pública pouquíssimo.

Eu estudei na escola pública mas como eu tenho mais de 60 anos, peguei o rescaldo do Projeto Canto Orfeônico, todos aqueles professores ainda estavam na escola pública então funcionava, a formação vocal, se cantava, eu aprendi na escola todos os hinos, todas as canções patrióticas, Vila Lobos, tinha uma qualidade e ela se perdeu porque a partir dos anos 80 nós voltamos ao deserto musical, a própria condição da escola está tão degradada que vai ter que se reabilitar a escola como instituição de formação e novamente a música não vai ser a prioridade. A meu ver esse documento dá um passo atrás. Quando você considera as propostas para o ensino médio, não dá passo atrás é literalmente nula, ideológica e destruidora de qualquer possibilidade de refinamento desse adolescente.

Entrevista realizada com a professora Mônica Cardella, licenciada em Artes Visuais, professora da rede pública estadual e municipal há 15 anos. Atualmente trabalha com o público de fundamental 1 e 2.

1- Na sua opinião, qual a importância da música na constituição do ser humano?

Eu acho que a música é importante na vida do ser humano porque ela é uma das primeiras manifestações artísticas que faz parte da nossa vida, isso porque ainda com seu bebê na barriga, às vezes ela canta para que ele . Quando a criança é bebê, geralmente tem alguém que pega no colo e o faz a ninar com uma canção. Então, a música é a primeira manifestação que vai fazer parte da vida desde o feto, desde o bebê na barriga da mãe até os dias de hoje. Eu acredito que a música é um elemento que é fácil você conquistar as pessoas, se aproximar das pessoas. É raro você ver alguém falar eu não gosto de nenhuma música. Pode ser que ela não goste de algum estilo musical, mas de música em si, todos gostam, então, a música aproxima as pessoas.

2- Qual a importância da música no ambiente escolar?

Eu acho que a música no ambiente escolar é muito importante porque ela ajuda, ela comunica, ela ajuda porque através dela a gente tem momentos de compartilhar experiências juntos. Então, quando eu estou cantando uma música com os meus alunos no ambiente escolar, eu estou compartilhando um momento que é único, que é junto, que estão todos em comunhão. A música vai trazer isso, essa memória musical, seja de uma cantiga, seja de uma parlenda, do que a gente cantar. Um aluno começa a lembrar e o outro começa a lembrar, ai, quando você vê, estão todos cantando. Incentivar isso no ambiente e propor atividades que tenham sempre a música, transforma a escola, dá vida à escola, dá respiro para a escola.

3- Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?

Eu não sou professora de alfabetização, eu sou professora de arte, mas eu comecei a perceber que algumas músicas facilitavam o trabalho das professoras titulares em sala de aula. Então, no sentido de ajudar, quando eu peguei um primeiro ano, faz um tempo, eu descobri uma música do Grupo Triii , que era do AEIOU e eu

já fazia algumas músicas com as crianças, aí eu peguei e introduzi essa canção. Eles amaram, porque a canção, além de falar das letras, que era um universo que para eles era próximo, eles tinham que fazer com corpos, fazer movimentos, então, eu conseguia, com essa música, trabalhar o corpo e trabalhar a canção.

E eles guardavam na memória, a gente percebeu que isso funcionava a cada trabalho com os alunos. E com essa música das vogais, como eles estavam em fase de alfabetização, eu introduzi na aula de música, da aula de arte, algumas músicas que ajudavam os professores no processo de alfabetização. Eu também introduzi o abecedário, criar maneiras de cantar o abecedário. E aí eu inventava, inventava com eles. A gente ouvia uma música e eles inventavam juntos. Tem o carnaval dos animais, que é uma música, uma sinfonia clássica, mas ele tem a parte do cuco. Eles trabalham com os vogais, o U e o O, então, eu comecei a trabalhar isso também. Além de trabalhar a questão musical, que é a questão do ritmo, da voz, dos instrumentos, eu também procurava usar músicas que trabalhassem a questão do processo de alfabetização, com a intenção de ajudar as professoras neste processos. Elas gostavam e a turma também gostava muito.

4- De quais formas você utiliza a música na sala de aula?

Bom, na verdade, o trabalho de música, dentro das aulas, ele está sistematizado a partir do próprio currículo do Estado. São as habilidades que têm que ser desenvolvidas em cada ano. Eu não sou professora de arte com especialização em música. Minha especialização é em artes visuais, porém, o que eu procuro é estimular nas crianças o desenvolvimento rítmico através da percussão corporal. A gente faz bastante percussão corporal, uso Barbatuques.

Eu também procuro aumentar o repertório cultural que elas têm de canções. Eu sempre levo canções novas, músicos novos, timbres novos. Eu procuro sempre trabalhar vozes e personagens que eles não conhecem. E também utilizo músicas para criar narrativas. Teve uma época, foi em 2021, eu conheci o trabalho do Estevam Marques, que tem um trabalho um pouco mais próximo dos fonemas. Aí eu trabalhei também algumas músicas dele que eu achei bem interessante, inclusive, elas são bem próximas do processo de alfabetização.

É um trabalho bem diverso, a gente trabalha o ritmo, trabalha um pouquinho de apreciação musical e o cantar junto com as crianças. Cantar, experimentar cantigas, músicas diferentes, músicas com coreografia, é o que eu tenho feito nas minhas aulas.

5- Como você faz o acompanhamento dos resultados alcançados?

Eu não tenho o costume de tabular resultado do alcance disso. Geralmente, o acompanhamento de resultado que eu faço se dá através das próprias rodas de conversa no final da aula. Eu não costumo tabular isso, mas eu costumo perceber pelas próprias conversas, como as crianças veem o que elas querem, o que elas gostam, quais músicas elas gostam mais. Então, tem algumas cantigas que algumas crianças gostam mais, outras gostam menos, algumas querem sempre cantar determinada canção.

Como eu estou sempre pesquisando novos repertórios, eu procuro não repetir muito. Mas tem um grupo de criança que pode gostar mais de uma música, mais de outra. Geralmente, os resultados desse trabalho de aula, eles ocorrem assim. No final da própria aula, pela roda de conversa, no final do bimestre, eu faço mapas mentais.

Nesses mapas mentais, eles são um pouco mais específicos com relação à música, o que ficou do aprendizado de música nas aulas. Então, a gente escreve os instrumentos que eles conheceram, as vozes, cantores. A gente tem um pouco disso. Das palavras que têm a ver com o estudo.

E eles podem desenhar também. Às vezes, o aluno ali não consegue escrever ainda, mas ele pode desenhar o que ele estudou. Eu lembrei também que, por exemplo, quando eu comecei a ter um trabalho de música dentro da sala de aula, eu, por não ser especialista, não tenho uma formação de arte com recorte musical, eu preferi começar com livro de apoio. Então, eu decidi que eu ia trabalhar com o terceiro ano, e eu trabalhava música no terceiro ano.

Não que eu não trabalhasse com os outros anos, mas eu foquei um trabalho de música, de reconhecimento de notas, de clave, no terceiro ano. E deixava os outros anos para fazer experiência com outras linguagens, como teatro, dança, enfim. E passava a questão musical com relação ao ritmo só. Ao ritmo e ao reconhecimento dos instrumentos e a apreciação. Mas a questão das notas musicais, esse trabalho mais profundo, ficava para o terceiro ano. E aí eu escolhi uma coleção de livros que chamava -se A Magia da Música. Eu trabalhei isso um bom tempo em sala de aula, até eu me sentir mais à vontade para experimentar novos materiais e saber que eu estava um pouco mais segura de trabalhar aquilo. E também porque o próprio currículo do Estado, depois vieram as habilidades, elas seriam trabalhadas por ano. Então, dentro do Estado, a coisa ficou com um recorte mais específico.

Entrevista realizada com a professora Patrícia Santi Alves Lopes, licenciada em Pedagogia, pós graduada em Gestão de Currículo pela USP, com experiência em coordenação pedagógica. Atualmente professora da rede pública estadual e municipal, trabalha com o público de fundamental 1 e 2.

1- Na sua opinião, qual a importância da música na constituição do ser humano?

A música é fundamental. A primeira coisa que ela ajuda é na questão de organização, de regras. Digo isso porque eu já vi muito isso acontecer. Principalmente quando você traz a música pra crianças que estão na fase do desenvolvimento do caráter, e é comprovado que isso ajuda até crianças que têm alguma dificuldade, então, a música é fundamental. Você aprende a ouvir, a percepção fica muito mais aguçada em todos os sentidos, não é só na questão musical. Eu percebo que quando você trabalha muito com ou quando você ouve muita música, você fica mais questionador, você consegue prestar atenção em sons diversos ao seu redor, o que também é importante, você consegue perceber quando às vezes se está atrapalhando o outro. Estou dizendo em questão de sala de aula, você consegue perceber o outro e observar mais.

2- Qual a importância da música no ambiente escolar?

Eu vou falar em questão de escola pública. Eu acredito que ela tem várias funções. Sobre minha experiência em escola particular, a música serve pra uma coisa que eu detesto e que inclusive muitos educadores também falam e acho horrível, que é a vitrine. Você utilizar a música como vitrine, como uma publicidade para envolver a família, é péssimo. Mas sobre minha experiência com escola pública, é fundamental e tem sido uma experiência fantástica.

3- Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?

Ela é fundamental na questão da alfabetização. Você consegue trabalhar grafema, trabalhar fonema, trabalhar estrutura de textos com as crianças desde muito cedo. Eles começam a ter a percepção de que a própria escrita, a estrutura e a elaboração de um gênero textual, quando você pega a música, ela é diferente. Você começa a entrar com a prosa, com o verso, prosa

e verso com criança e eles conseguem ter essa percepção, mesmo que eles sejam pequenos, eles percebem que é diferente a estrutura da escrita. Você consegue trabalhar rima com eles, trabalhar localização de palavras, a segmentação, que é muito importante. Tem uma outra questão também que eu acho fundamental na alfabetização, é aquela coisa de você trabalhar com textos que a criança consegue se organizar. Por exemplo, você trabalha com uma parlenda, para eles é mais fácil de trabalhar parlendas ou músicas porque são textos que eles têm de memória, você consegue, na música, ir além ainda da parlenda, porque consegue trabalhar o texto de memória com a criança, que para ela é muito mais fácil de escrever depois. Você consegue trazer a coisa do contexto também, o contexto em cima daquela letra, então é fantástico trabalhar. O construtivismo traz isso dentro de um texto, se você trabalha hoje a consciência fonológica dentro desse contexto, só que o contexto da música é maior, mais amplo.

4- De quais formas você utiliza a música na sala de aula?

Uma das formas é criar musiquinhas com os alunos. Por exemplo, quando percebo que a criança não consegue compreender o som do S, crio uma frase, faço música com aquela frase, onde o início de todas as palavras tem o som do S. Crio frases que tenham um contexto para ela e jogo dentro dessa frase um S no meio da palavra, ou no C, cedilha. Quando faço a música, a criança vai gravar com mais facilidade do que quando só decora a frase sem o auxílio da música pois aí ela vai começar a refletir.

Só que quando a criança canta, você está trabalhando, ela decorou a frase, você criou uma frase onde ela vai começar sempre com aquele som, então ela está falando, ela está vendo, ela não precisa pensar no processo de escrita da palavra, porque ela já decorou o canto. É como se ela criasse uma memória, ela já vai criando uma memória, um repertório.

Então você fala para ela assim, Ah, o sapo não lava o pé. Você cantou, cantou, cantou... Ela já sabe onde fica o sapo, porque ela criou a memória. Então por mais que ela não consiga escrever, ela vai contar. Ah, o sapo está aqui, a segunda palavrinha, e aí sem contar também a questão da localização, que para eles fica muito mais fácil, a questão da rima, porque quando você trabalha a rima

na música, você também está trabalhando a consciência fonológica.

E muitas vezes, quando você vai trabalhar a consciência fonológica dentro de sala de aula, é muito complicado. Sim. Porque você vai pegar metade dos alunos que já sabem, metade dos... uns cinco ou seis que não sabem nem o que ele está fazendo lá, nem por que eles...

Eu estou trabalhando com os segundos anos agora, o projeto são animais. Dentro da temática animais, eu vou enchendo bastante coisa para eu poder trabalhar gêneros diversos e pego a música também. Eu quero trabalhar com eles leitura dramática e eu vou trabalhar a leitura dramática usando o Saltimbancos porque fala de animais, está dentro do contexto. Eu peguei a música Bicharia, pensei assim, vou trabalhar essa música, porque ela tem bastante onomatopeia, será que eles vão perceber? Aí a gente fez a leitura e eles conseguiram perceber e dizer os animais que apareciam.

Na sequência foi possível fazer outras sondagens, ah, tem um outros animais que não estão presentes, que outros animais que vocês conhecem que não estavam na música? E aí eles amam, né? Aí depois disso, no final, como o meu objetivo é trabalhar a leitura dramática, fiz com eles uma leitura dramática porque exige mais atenção, eles tinham o texto em mãos e eu fiz eles grifar, quando aparecia o som dos animais, eles iam grifar em amarelo.

Eu também trabalho bastante com parlenda, ela entra nos textos de memória, que você consegue fazer a leitura. No início ela é uma leitura dirigida, então você traz uma parlenda: hoje é domingo, pé de cachimbo. Por mais que eles terminem o texto, é importante você pôr na lousa com uma letra bastão e ir fazendo a leitura com eles, mostrando as letras. O legal de você trabalhar parlenda e música é o ritmo de leitura, porque ele sabe que aquilo vai ter que se encaixar, tem um tempo, porque se ele perder o tempo, perde o propósito da leitura.

A criança consegue perceber que não dá pra ser de qualquer maneira. Muitas vezes ele tenta até decorar o que está ali, pra ele conseguir se encaixar naquele tempo que pra ele não é um tempo. Ela vê que às vezes está meio estranho, tenta

fazer a leitura. E aí dá pra você trabalhar várias coisas. A parlenda é legal que você pode trabalhar a leitura de ajustes, que é você fazer a leitura e mostrar as palavrinhas.

Um dos problemas que enfrentamos é em relação aos apoios, incentivos para desenvolver ferramentas que nos auxiliem nos processos. No Estado, por exemplo, eu não tenho liberdade nenhuma. O Estado está caminhando pra uma rede que está tudo posto e você tem que seguir. E é um pecado isso, porque acaba com o seu trabalho. Acho o material horrível, no sentido de que ele tenta nivelar, ele não olha pra realidade da escola. Por exemplo, a escola que eu trabalho é diferente da escola que você trabalha, ela está em uma outra localização., ela tem todo o contexto, o entorno. E o Estado não entende e respeita isso.

Agora a Prefeitura é uma delícia trabalhar. Porque você tem total liberdade, você pode criar a sua sequência didática como essa dos animais. Você tem liberdade para criar. Eu sigo sempre o currículo da rede, gosto, acho que é o material que eu tenho que usar. Mas eu tenho a liberdade de complementar muito.

5- Como você faz o acompanhamento dos resultados alcançados?

Mensuro com a sondagem. Faço uma atividade e aí aplico uma sondagem pra ver como que tá. Meus alunos deram um salto de uns dois meses pra cá e é muito gostoso você ver a evolução. Quando eu peguei a sala, 30 alunos, nossa, eu fiquei desesperada. Eu tinha uma média de uns 12 na hipótese alfabética, uns 6 na hipótese silábica alfabética, entre 7 e 5 alunos com valor e o resto tudo sem valor.

Hoje, eu tenho acho que 4 que estacionaram mas por quê? A família não é presente, não participa de nada, não faz lição de casa, não faz ir na sala, você consegue atingir muito pouco. E apoio de família é fundamental, não adianta. Você tem que ter, isso é fato. Mas, assim, entre eles eu vejo um avanço diariamente. A última sondagem que a gente fez, a gente tinha trabalhado aquela música Era Uma Vez, da Sandy e do Junior porque ele fala da memória efetiva do Era Uma Vez. Então, eu fiz uma intertextualidade com eles. Por que ela coloca o Era Uma Vez no início, sendo que é uma coisa de criança?

Fizemos um estudo da letra, cantamos a música, falamos da memória efetiva e depois a gente fez a reescrita. Eu fiz a reescrita da primeira estrofe e 90% da sala fez. A sondagem acontece cinco vezes ao ano mais eu acho que para o professor, mais do que esse protocolo, é a sondagem que fazemos no dia -a -dia. Eu costumo sempre fazer no final de toda atividade com a sala ,vou dividindo em questões para mensurar os resultados. Porque vão ter momentos em que sou só eu que leio, outros só as crianças e momentos que nós vamos produzir juntos. Vamos ter um momentos de produzir em grupos, outros de produção em dupla e vai ter um momento de produção individual. Então sempre é muito importante cada vez que fizer aquela sequência didática, finalizar com a produção individual deles.

Porque ali eu consigo comparar, saber como a criança estava e como ela está. Porque se esperar às vezes chegar o período da sondagem para fazer, às vezes a criança já avançou e você não consegue perceber. E aí quando ele avança, você tem que fazer aqueles movimentos de mudar a sala, analisar: ele dava com essa dupla produtiva, já não dá mais, ele já avançou, então ele tem que ir com aquele outro, porque esse aqui já está escrevendo e o outro não, porque senão vira aquela bagunça e fica desestimulante, porque ele não se sente desafiado e perde o propósito também, então eu costumo fazer avaliação das estratégias com bastante frequência.

Entrevista realizada com o professor Felipe Rodrigues dos Santos, licenciado em Pedagogia e História, professor da rede pública estadual há 10 anos. Atualmente trabalha com os públicos de fundamental 1 e 2.

1- Na sua opinião, qual a importância da música na constituição do ser humano?

A música faz parte na construção do ser humano, desde que o mundo é mundo o ser humano é muito ligado no som. É sempre um som que chama mais atenção, um barulho que nos deixa mais alerta. Nas constituições de poderes, até mesmo para a Igreja Católica, a música sempre foi um grande chamariz, porque o nosso ouvido, a habilidade de escutar, é o que faz o homem evoluir, principalmente quando se trata de uma melodia que ele goste. A formação do ser humano não seria completa sem a música, porque é a música que vai aguçar os outros sentidos, no meu ver.

2- Qual a importância da música no ambiente escolar?

A criança se apropria pela memória. Muitas vezes, aquela musiquinha que tá na memória, que geralmente a mãe canta, o pai canta, é o que vai chamar a atenção dentro da sala de aula. Quando a gente trabalha a música na sala de aula, a criança vai desenvolvendo os sentimentos, a criança vai desenvolvendo o senso crítico do que ela gosta, do que ela não gosta, porque tem sempre aquela música que a gente gosta e aquela que a gente não gosta. A música, na educação faz total diferença, porque a gente, vendo como a criança se molda, que ela se percebe ali naquela música, é que a gente vai começar a saber por onde começar a trabalhar. O que é que deixa a criança mais agitada? O que é que deixa a criança mais calma? Qual é o tipo de som que ela mais gosta? O que é que aquele som tá remetendo a ela? Como é que eu posso trabalhar? Uma criança que vem de uma casa muito barulhenta, o barulho pra ela não interfere em nada. Agora, uma criança que já está acostumada numa casa mais silenciosa, que as pessoas falam baixo, quando você toca uma música mais alta, aquilo já vai causar outro impacto nela e você já tem que trabalhar com ela de uma forma diferente. Tudo precisa ser avaliado.

3- **Como a música pode contribuir no processo de alfabetização?**

Nessa questão da memorização. A gente não tá mais na época de 1993, quando eu fui alfabetizado, que as músicas eram todas dotadas pra educação no Hélio Ziskind. Hoje em dia, a gente tem uma gama muito grande que trabalha música, que vem na sequência, que traz a sequência de números, que traz a sequência de letras, o alfabeto, o silabário, a fonética da criança. Não só a música mais também vem o clipe, que é aquela coisa toda colorida, que joga as cores, que chama a atenção da criança.

Quando a música faz esse jogo no processo de alfabetização, que traz as letras e de fundo aquele mundo colorido, que chama a atenção da criança, aquilo vai aguçar na memorização da criança também pelo que ela tá vendo. É muito mais fácil a criança memorizar uma música que ela tá cantando e decodificar aquilo que ela tá cantando através da música do que eu falando na sala de aula.

4- **De quais formas você utiliza a música na sala de aula?**

Tudo depende de qual ano e série eu pego a cada ano. Quando é sala do primeiro ano, começo com os quadrinhos, que passa pra Parlenda, que passa pras musiquinhas infantis, até mesmo o próprio material didático traz pra gente e agrego com aquilo que trago das minhas vivências fora e então eu começo a apresentar uma historinha cantada. Tem um CD muito bom da Renata Matar, que é o Cantos de Todos os Contos, que são historinhas bem lúdicas para crianças, que chamam bastante atenção. Vem a música, vem a parte da história, vem o cantar dos personagens. A gente ouve a história com a música, depois a gente discute a história com a música, depois a gente vai começar a trabalhar uma lista de palavras. Ou então quando a gente tá trabalhando na Parlenda, a gente traz as Parlendas todas embaralhadas pra cantar e aí ver o que tá fazendo sentido.

Vamos colocar na ordem, que é muito diferente quando a gente chega num quarto ou quinto ano, que já dá pra trabalhar com a música Ideologia do Cazuzu, pra eles trabalharem o raciocínio deles sobre ideologia. Não só a interpretação de texto, mas sim ele saber o que é uma ideologia. Qual que é a ideologia que ele tem pra vida dele? É uma coisa que ele pensa ou é uma coisa que os pais pensam? Começar a fazer a dissociação.

Para alfabetização, as musiquinhas, elas vêm todas já fechadinhas pra criança fazer essa memorização, de associar a música com aquele sinal gráfico que a gente tá apresentando e ela poder lembrar. Então a gente traz a parlenda, cantiga, passa pras musiquinhas que eles escutam no dia a dia. É uma coisa que ajuda muito, esse boom de Chiquititas, Carrossel, Carinha de anjo. Eles sabem essas músicas todinhas. Quando você começa a colocar essas músicas dentro da sala de aula e trabalhar as palavras que estão sendo trabalhadas nessa música, se abre um leque de possibilidade muito grande. É porque você já vai pelo gosto da criança, porque ele já tá na memória no dia a dia, a consciência fonológica já começa a trabalhar isso também.

5- Como você faz o acompanhamento dos resultados alcançados?

Tive resultados assim que foram bem, vamos dizer, ficaram bem estampados na minha cara, porque eu estava conciliando meu trabalho em duas escolas. Numa delas eu tinha liberdade de usar a música e na outra não. Na escola que eu utilizava a música pra alfabetização, as crianças se desenvolviam melhor do que a outra que não deixava eu levar o rádio, não deixava eu levar a música, queria que só trabalhasse com o livro. Notei uma diferença muito grande. Eu acho que a criança se desenvolve muito mais rápido quando você coloca a música no ambiente que ele tá.. Porque você cria ali toda uma situação onde ela se sente bem.

Existe também essa questão ao apoio da gestão de cada escola. Tinha uma que a diretora guardava todo equipamento de mídia na sala dela, porque senão ia sumir, que não podia ter o contato, que não podia pegar, porque senão ia estragar. A escola que eu estou atualmente me dá acesso ao que eu preciso. É muito bom trabalhar lá. Eu tenho essa liberdade.

Na verdade, como não existe algo muito direcionado, você fica meio que dependendo de qual gestão tem uma cabeça mais aberta, uma ideia mais contemporânea e outra que tem uma ideia mais engessada, mais tradicional.. Até porque a música em si não gira muito para o construtivismo.

A música vai trabalhar o alfabeto, vai trabalhar a família silábica, e aí essa nova gestão que preza tudo que não pode no tradicional, não pode a família silábica, porque não faz sentido, acaba não deixando a gente trabalhar da forma que a gente queria desenvolver. Só que o construtivismo e o tradicional, para mim, eles têm que andar juntos, porque não é toda criança que aprende pelo construtivismo e não é toda criança que aprende pelo tradicional. A música para mim é o eixo que gruda o tradicional no construtivismo. A música é aquela pecinha que faz com que eu possa trabalhar as duas vertentes.

Boa parte dos estudiosos que a gente estuda são pessoas que basicamente nunca entraram em uma sala de aula ou não vivem na comunidade que a gente está inserido. E a música hoje na mídia está no universo da criança porque a música está na televisão, a música está na novela infantil, o pai e a mãe cantam a música para fazer a criança dormir. Então, você trazer a música para dentro da sala no processo de alfabetização, você já cria um link, um elo com uma comunidade que trabalha com a música, que vem trazendo a música desde o cerne lá, do começo da humanidade, onde se cantava O Boi da Cara Preta, Roda, Nana Neném. Então, você recria ali aquela memória efetiva com a criança e ela vai se abrir para as novas oportunidades.